



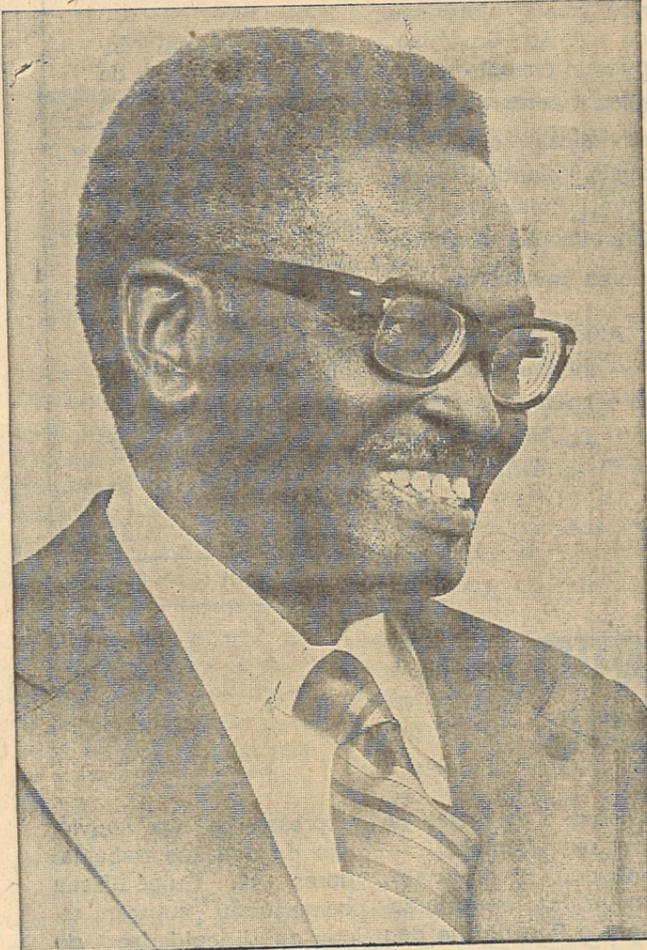
NÔ PINTCHA

ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3726

B I S S A U



Exactamente no dia em que o Presidente Agostinho Neto iria completar 57 anos, realizaram-se as cerimónias fúnebres do Chefe de Estado angolano, em Luanda.

Centenas de milhares de pessoas acompanharam, desde as 9 horas e 50 minutos (8.50 TMG), a urna de Agostinho Neto até ao Palácio do Povo, onde repousará até que esteja concluído o mausoléu a erigir em sua memória, por decisão do Comité Central do MPLA — Partido do Trabalho.

No funeral do Presidente Neto

Angola assume o compromisso de continuar a opção socialista

Um impressionante cortejo percorreu a pé várias artérias da cidade, desde o Commissariado Municipal, onde a urna esteve em câmara ardente, nos três últimos dias. Luanda inteira, repleta de bandeiras, lembrando a cada um e a todos, o triste acontecimento, saiu à rua para acompanhar o líder da revolução angolana. Aos lamentos de «Neto, porque partiste?», «Neto, porque nos deixaste?», juntavam-se a determinação de seguir os seus ensinamentos e fazer triunfar a revolução.

Assim que o funeral prosseguia, podia ler-se em certos dísticos: «Honremos a memória do nosso Presidente dr. Agostinho Neto, cerrando as fileiras em torno do CC do MPLA — Partido do Trabalho», «A memória do

Presidente Neto pertence hoje a todos os povos», e «As suas ideias e ensinamentos serão as bases para a edificação do socialismo em Angola».

A poucos metros do fim do funeral, a população de Luanda quase que duplicou para se tornar maior ainda junto do Palácio do Povo. Aí, uma verdadeira multidão rodeava o edifício, mantendo uma disciplina exemplar.

Além da população, dos familiares e dos principais dirigentes angolanos, incorporaram-se no cortejo, membros de inúmeras delegações estrangeiras que foram assistir às exéquias de Agostinho Neto.

«A África, certamente está a chorar neste dia do aniversário natalício não sem esperança porque,

Agostinho Neto, continua a viver nos corações de cada combatente da liberdade» — precisou o Presidente William Tolbert, da República da Libéria, ao intervir ontem, no salão nobre do Palácio do Povo, em Luanda, durante as cerimónias fúnebres, em memória do camarada Agostinho Neto.

Falando em nome da Organização da Unidade Africana e dos povos de África, William Tolbert rendeu uma sentida e última homenagem ao «homem que veio da aldeia, que veio da cadeia, o médico das cadeias, o dirigente perceptivo com qualidades magníficas, enfim, o estadista que ao lado dos seus colegas trouxe a grandeza da mãe África. Ele foi sobretudo um libertador, um combatente da liberdade»

— lembrou o chefe de Estado liberiano que exprimiu os sentimentos de tristeza pelo desaparecimento físico do guia da revolução e fundador da Nação e do MPLA — Partido do Trabalho.

Depois de uma mensagem da Organização de Pioneiros de Angola, o Comité Central faria, através do camarada Manuel Pedro Pacavira, um juramento de compromisso durante a última homenagem ao defunto Presidente.

«Faremos do MPLA — Partido do Trabalho — um sólido Partido Marxista-Leninista cuja unidade ideológica e de acção preservaremos como nossa própria vida» — garante o Comité Central.

O CC compromete-se ainda, a salvaguardar no plano interno, a unidade nacional, a defesa dos interesses do povo, da Revolução, pelo poder popu-

Extractos do elogio fúnebre (pág. 8)

(Cont. na página 8)

Luiz Cabral
à Prensa Latina
**A Guiné-Bissau
deve
representar
uma retaguarda
para
os povos
em luta**
(Centrais)

Guiné-Bissau na reunião do Bureau Regional da OMS

Uma delegação do Commissariado de Saúde e Assuntos Sociais, chefiada pelo camarada João da Costa, participará na 29.ª sessão do Bureau Regional da Organização Mundial de Saúde que inicia os seus trabalhos amanhã, em Maputo, prolongando-se até o dia 26 do corrente. Da agenda de trabalho constam a discussão dos problemas da saúde na região, a cooperação técnica entre os países; a discussão do relatório do director regional que foca vários aspectos, entre os quais a luta contra as doenças

transmissíveis. Será também eleito o novo director regional.

Referindo-se à reunião de ministros de Saúde dos países de expressão portuguesa, projectada há mais de um ano, o Comissário da Saúde afirmou que subsistem dúvidas quanto à possibilidade dela se concretizar, porquanto Cabo Verde ainda não nomeou novo ministro, após a demissão do anterior e Angola, com a morte do Presidente Agostinho Neto, não deve fazer-se representar. Tal reunião, prossegue ainda, caso

vier a realizar-se, seria mais uma vitória para os nossos países, pois nela seriam debatidos vários problemas, entre os quais, os problemas de cooperação e a forma como desenvolvê-la, uma vez que Angola e Moçambique dispõem de facultades e poderiam ajudar bastante na formação dos nossos quadros.

«Mas, acrescentou, mesmo que ele não se realize, iremos estudar com os camaradas de Moçambique (com quem temos boas relações), a

(Continua na página 8)

Novo presidente no Afeganistão



Mohamed Taraki

KABUL — Hafizula Amin, Primeiro-Ministro afegão, tornou-se chefe de Estado — anunciou antecorrem a televisão deste país, precisando que o presidente Taraki,

cansado e doente, decidiu confiar o poder ao Primeiro-Ministro.

No entanto, a segurança foi reforçada em Kabul, onde estacionam tropas e carros. Na sexta-feira, dia em que morreu o chefe da Polícia, Taraki, ouviu-se uma fuzilada no palácio presidencial.

Confrontado com uma rebelião muçulmana, Taraki precedera na semana passada a uma remodelação governamental, tendo nomeado três novos ministros.

Transporte de vinho de palma

Sendo o jornal um importante instrumento que contribui para a mobilização das pessoas para um certo ideal e ajuda essas mesmas pessoas na interpretação dos fenómenos naturais e sociais, venho uma vez mais solicitar a publicação desta minha carta.

O assunto que desta vez abordo, já foi lido várias vezes no nosso prezado jornal, mas devido à actualidade que o facto tem, penso que não será abusar da paciência de todos, tratá-lo de novo.

É com a maior tristeza que verifico que o autocarro da Empresa «Siló Diata» que faz a ligação centro de cidade-aeroporto deixa muito a desejar. Deixa muito a desejar na medida em que, sendo um transporte urbano, comporta-se como se fosse interurbano. Uma pessoa não pode, como deve ser, deslocar-se nesse autocarro, sem pagar caro pela «ousadia»; claro que é ousadia, desculpem o termo, mas eu é que não tenho a coragem suficiente de me servir dele por mais nenhum dia sequer.

Da última vez que apanhei aquele meio de transporte, foi há uns dias atrás na paragem do Bairro da Ajuda. Saira do aeroporto, com quase metade da lotação, que aliás nunca é respeitada. Parecia que ainda havia lugares no autocarro, mas só quando entrei é que notei que realmente não tinha um único espaço vazio para se colocar um pé e puder apoiar-se nas barras de segurança. Mas não havia mais lugares porque? — Talvez seja a pergunta que o camarada está a fazer neste momento.

A resposta, além de triste e lamentável, é simples. Porque pura e simplesmente vinham no autocarro, como todos os dias, mulheres «bideiras» do vinho de palmeira, que vão comprá-lo à tabanca de Bissalanca para virem vendê-lo em Bissau. O transporte utilizado, claro está que é o autocarro do aeroporto, infelizmente para os que utilizam este meio, para se deslocarem aos seus serviços.

Ainda nesse mesmo dia, presenciei uma discussão entre um homem e uma mulher, ambos vendedores do referido vinho, discussão essa que chegou ao ponto de empurrões dentro do próprio autocarro, o que por sua vez provocou que um dos garrafões se entornasse nas calças de um rapaz que nada tinha a ver com esse problema. Isso tudo leva a perguntar até quando é que as pessoas suportarão certos abusos como os deste género. Pergunto, até quando?

MOHAMED LAMINE

Representante da Nágucave em Bissau

Para uma visita de contactos com a direcção da Nágucave, (companhia de transporte marítimo Guiné-Cabo Verde) encontra-se em Bissau, desde sábado, o vice-presidente do Conselho da Administração da Nágucave, camarada Abubacar Baldé. Ao longo da sua estadia na capital, aquele representante da Nágucave terá uma reunião com o presidente da Assembleia Geral camarada Manuel Santos, Comissário de Transportes e Turismo e fará uma visita de inspecção à delegação de Bissau.

Por outro lado, haverá encontros de trabalho com a direcção dos Arzéns do Povo e da Sociedade, no quadro da Actimesa (sociedade mista com Portugal), para o estudo de problemas ligados aos transportes de carga, quer de importação, quer de exportação.

Delegação das mulheres visitou a URSS

Regressou na passada quinta-feira a Bissau, a delegação das mulheres da Guiné e Cabo Verde, que se tinha deslocado à União Soviética para tomar parte na Conferência sob o tema «Pelo futuro pacífico e feliz de todas as crianças», enquadrado nas realizações do Ano Internacional da Criança.

A camarada Carmen Pereira, membro do CEL e Presidente da Comissão Nacional das Mulheres da Guiné, que chefiara a delegação, disse aos órgãos de Informação que a Guiné e Cabo Verde tiveram ocasião de expôr detalhada-

mente, as condições de vida das nossas crianças e as medidas que o nosso Governo tem estado a tomar no sentido de melhorar cada vez mais o nível de vida das «flores da nossa luta». Revelou ainda que, além de visitas a vários locais históricos da União Soviética, tiveram encontros com altas personalidades soviéticas, entre as quais, Valentina Teresкова, Presidente da Organização das Mulheres soviéticas.

Ainda no mesmo dia, chegou também a delegação da Associação de Amizade Guiné-Bissau-URSS, che-

fiada pelo camarada Júlio de Carvalho, membro do CSL do Partido e Comissário Político Nacional das FARP, que participou nos trabalhos da conferência da Associação de Amizade Soviética com os países africanos.

Na referida conferência, trataram-se de problemas que dizem respeito a actividades das associações de amizade e, por outro lado, o ponto de vista do Governo soviético em relação a vários problemas que afligem actualmente a humanidade, particularmente, certos problemas africanos.

Professor da escola do PCUS concluiu ciclo de conferência

Após participar em várias conferências realizadas em Cabo Verde e Guiné-Bissau (respectivamente em Santiago, S. Vicente e Sal, Bissau, região de Oio e Cacheu) — a convite do PAIGC — o professor da Escola do Partido da União Soviética, Iury Kukruskin,

deixou, na passada sexta-feira, o nosso país.

Nas suas intervenções, o camarada Kukruskin abordou importantes problemas teóricos do mundo de hoje, nomeadamente, o confronto entre os países que lutam pela independência e o imperialismo internacional; e as

condições e as metas de alguns movimentos.

Segundo o professor, a magnífica oportunidade que o Partido lhe deu para intervir nas conferências, permitiu-lhe conhecer o país, os problemas das regiões e, simultaneamente estabelecer contactos. Por outro lado,

expressou a sua convicção de que «os trabalhadores da Guiné-Bissau conseguirão superar todas as dificuldades do período inicial da formação do estado independente e, conseqüentemente, o êxito no desenvolvimento da economia nacional».

Como aproveita as suas férias?

No intuito de auscultar alguns jovens acerca da maneira como aproveitam as suas férias, o repórter do «Responde o Povo» saiu por essas ruas da capital indo parar no bar «Sol-Mar» onde encontrou uma roda de estudantes do liceu, com quem teve uma conversa.

«Como podes ver, caro camarada» — começou por dizer Carlos Silva um jovem de vinte anos, «não tenho outra maneira de aproveitar as minhas férias, a não ser sentar-me aqui, tomar um café e conversar com colegas porque infelizmente, não há actividades a que uma pessoa se possa dedicar». Mais adiante ainda disse que gosta de ler, mas nem todos os livros que estão na Casa da Cultura

devido aos preços que são um pouco elevados para ele, que não trabalha.

«Acho que se devia organizar convenientemente a única biblioteca da capital, para que as pessoas que nada têm a fazer, como eu, possam aproveitar o seu tempo. Às vezes, para poder ler um bocadinho, desloco-me ao Centro Cultural Português que aliás tem muitos volumes com interesse e sempre que lá vou, quase que nem sinto o tempo

passar».

Ainda dentro do «Sol-Mar» encontrava-se Alberto Fernandes, que desfolhava, com muita atenção, um exemplar do «Nô Pintcha» ao mesmo tempo que tomava o seu cafézinho em pequenos goles. Dobrou logo o seu jornal ao ser abordado e começou por dizer que estava a gostar das férias porque levanta-se sempre tarde em todas as manhãs, porque já não tem aulas e sempre o aborreceu levantar-se cedo da cama.

«Quase sempre estou em «farras» com amigos e diverti-mo-nos bastante até altas horas da noite,

quer dizer, é preciso saber improvisar como passar estas férias, senão cai-se na monotonia e eu detesto tudo o que é monótono.

«Também gosto de ler, mas a magra mesada que recebo dos pais, só dá para o luxo de comprar o vosso jornal» — continuaria ainda o camarada Alberto que terminaria dizendo que uma vez ou outra vai à Udib ver um bom filme. «Mas a JAAC devia organizar mais actividades no intuito de enquadrar os jovens nalgum tipo de produção útil» — concluiu.

Sáimos do Sol-Mar e numa rua do centro co-

mercial deparámos com Silvestre Salda, ha muito apressado, com algumas folhas de papel selado numa pasta, indo comprar selos na Fazenda.

«Eu nem sequer percebo se estamos em férias», — começou por dizer — «porque, como vê, não tenho um só minuto para me dedicar. Estou a tratar dos documentos necessários para a nomeação como professor e, dentro de poucos dias, terá início o estágio de reciclagem para professores, o que vai-me ocupar ainda mais o tempo». Prosseguindo o seu relato diria ainda: Mas, de uma maneira ou outra, ainda

consigo arranjar um tempinho para ir ao cinema, quando há bom filme».

Desculpou-se por não poder perder mais tempo e despediu-se.

Continuando a nossa andança debaixo dos raios solares, encontramos perto do quartel de Amura, Seco Cassamá, que também nos disse que ainda nada tinha feito, por ter estado doente. Disse que tão depressa se ainda bem, deslocar-se-ia a Bafatá, para passar alguns dias com a irmã mais velha.

Aristides Pereira aos finalistas do Liceu:

“As portas abriram-se aos nossos jovens”

«Quando começámos a luta, éramos jovens: durante a l u t a, nós só lidámos com jovens e nesta nova fase de luta pela reconstrução nacional, a maior parte dos nossos quadros e responsáveis são jovens.

Durante os últimos vinte e cinco anos da nossa vida, discutimos e trabalhamos diariamente com jovens» — disse o Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República, Aristides Pereira, ao iniciar o seu segundo encontro, em menos de um mês, com os finalistas do Liceu Domingos Ramos, da Praia.

Temas como o critério de atribuição de bolsas de estudo, as preferências de formação profissional, as restrições à inscrição no curso complementar dos liceus, a recusa de bolsas por parte de certos estudantes, ou o abandono dos países para onde são mandados, preencheram essa hora e meia de diálogo franco, em que o Secretário-Geral do Partido falou pouco e se dispôs a ouvir os jovens e as suas preocupações.

Aristides Pereira, que em Bissau aproveitara o pouco tempo de que dispunha para se encontrar com antigos alunos da Escola Piloto, esse viveiro de futuros quadros concebido pelo mortal Guia, parece assim ter chamado a si, os problemas que afectam a nossa juventude, com vista a dela fazer sair os quadros e responsáveis de que o país necessita como de pão para a boca.

«Há coisas que não se aprendem nas escolas, por melhor que sejam» — disse a certa altura o camarada Aristides Pereira. «A experiência de viver e conviver é fundamental porque, seja qual fôr o ramo escolhido, os nossos futuros quadros devem dedicar-se a conhecer profundamente a complexidade dos nossos problemas, a maneira de reagir e entender as coisas da nossa gente».

AS BOLSAS DE ESTUDO

«Nós somos um partido, temos um programa e estamos a fazer uma política. Temos orientações para a nossa formação de quadros. Qual é o homem qual é o quadro caboverdiano que queremos? A resposta a tal pergunta norteia os nossos critérios de atribuição de bolsas de estudo. O Presidente Aristides Pereira completava assim a resposta do Ministro da Educação e Cultura, comandante Carlos Reis, à pergunta formulada por um dos participantes no encontro. José Carlos Moniz, sobre os critérios em que se baseia a atribuição de bolsas.

Essa questão, considerada pelo comandante Carlos Reis como uma «questão premente», no

sentido de que os critérios sejam dia a dia aperfeiçoados, mereceu uma detalhada explicação do responsável pela pasta da Educação Nacional, que lembrou ter estado na agenda da última reunião do CNCV.

Centrando esses critérios em três premissas fundamentais — o aproveitamento escolar, as condições económicas do agregado familiar e as garantias dadas pelo candidato, através do seu comportamento cívico, de que virá a ser o quadro de que Cabo Verde necessita — o comandante Carlos Reis lembrou ainda que o CNCV decidiu instituir uma comissão de atribuição de bolsas que reúne representantes do MEC, do Partido, da JAAC de outras instituições que têm a ver com a juventude, para que esse critério seja o mais possível objectivo. Isto é: ao apreciar-se cada uma das

facetas que levarão à atribuição ou à recusa de bolsa, se está a trabalhar sobre dados concretos e comprovados. Contudo, lembraria o Presidente Aristides Pereira, ao ser solicitado a completar essa questão, «não é de estranhar que haja lacunas, imperfeições e mesmo injustiças, seja no que fôr, num país de quatro anos como o nosso. Os jovens, vocês que estão começando a luta pela vida, verão quanto é difícil ser-se justo. A política não se faz com sentimentos, e ao atribuir bolsas de estudo, repito, estamos a fazer política. Vocês vão aprender isso. Vai ser duro, como já foi para todos os jovens, desde que o mundo é mundo, mas vão aprendê-lo! E há muita coisa que parece injustiça, se apreciarmos o facto do ponto de vista individual, que mais não é que um

sacrifício a favor da colectividade».

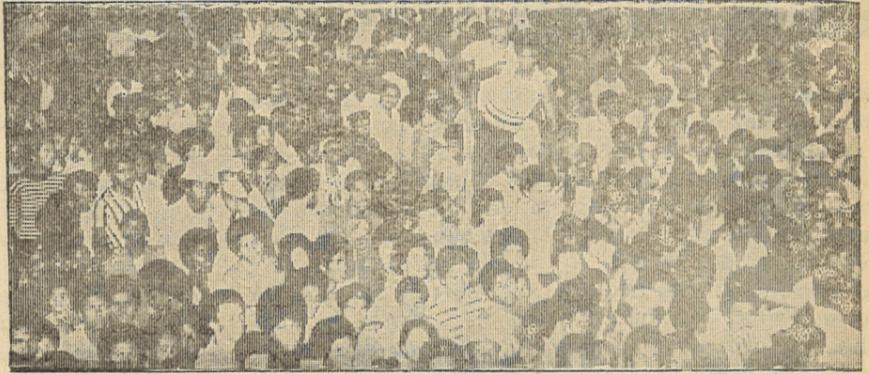
AS PREFERÊNCIAS

Uma outra questão levantada, as preferências: (não só no seu aspecto absolutamente legítimo de escolha de uma formação que é, ou se pensa ser, a mais adequada às capacidades e gostos de cada um), especialmente as preferências ilegítimas — íamos escrevendo imorais — de cursos e países, ditadas pelos conceitos colonialistas de escala social e gostos pelas sociedades de consumo. Tal questão, levantada pelo finalista António Emanuel Évora, que se referiu inclusivamente à «ousadia de muitos alunos que abandonam cursos sem mínima justificação e se dirigem ao MEC com novos pedidos de bolsas», despertaria, contudo, no Secretário-Geral do

Partido, em vez da esperada atitude rígida de condenação; uma reacção que poderíamos qualificar, ao mesmo tempo compreensiva, porque confiante e firme.

«O que cabi, quer a pergunta, quer a resposta que deu o ministro da Educação e Cultura, dá-me satisfação. A possibilidade dessas reivindicações dessas escolhas, significa que as perspectivas de formação abertas aos nossos jovens são imensamente maiores que antes da independência. Quer dizer que, avançamos no sentido de abrir o tutelo aos nossos jovens. Gente da minha geração (não falarei de outros responsáveis aqui presentes) que perspectivas de futuro tinha? Que dramas não vivemos nós, estudantes do liceu do mesmo tempo, com o arder

(Continua na pág. 6)



O nosso critério de amizade

É clara e metódica a exposição do camarada Amílcar Cabral que hoje mesmo pode ser lida na versão para o português das suas intervenções no Seminário de Quadros em 1969.

Esta afirmação aplica-se também às palavras que seguem e explicam o nosso critério de amizade, dentro do Partido e com especial incidência para os militantes:

«O nosso critério de amizade, mandjandade ou camaradagem, deve ser o seguinte: tu tens valor, respeitadas as palavras de ordem do Partido como deve ser, és meu camarada, és meu amigo. Não fazes isso, o melhor é ir para junto dos oportunistas ou para junto dos servidores dos tugas. Mas a nossa mania de amizade é tão grande que camaradas nossos, que sabem que alguém é agente dos tugas, são

capazes de passar a vida em casa desse alguém, de frequentar a sua casa, de comer em sua casa, de beber em sua casa. Digam-me, camaradas, se isso pode ser. Mas os camaradas dizem: — eu já conheço essa pessoa há muito tempo, ou então, é parente da minha mãe. Camaradas, isso é falta de consciência política, falta de consciência até do sacrifício que estão a fazer pela luta do nosso povo, da nossa

terra. Mas há disso, ate dirigentes do Partido fazem isso. Felizmente, parece que está a acabar. Além de outros casos concretos.

Há por exemplo o seguinte: toda a gente sabe que um dado camarada cometeu um erro grave no Partido, sabemos que cometeu um erro grave, dentro ou fora da terra, foi mandado chamar, estamos à espera dele. Ele chega, e os camaradas todos se levantam com abraços, beijos e tal, como se fosse o melhor camarada do mundo. Que falta de consciência é essa? Que falta de noção de responsabilidade é essa? Quem não presta, temos de mostrar-lhe que não

presta, não há amizade, não há nenhuma consideração para ele. É preciso pô-lo de lado.

Chegou a hora de sermos amigos daqueles que têm valor, aqueles que não prestam não podem ser nossos camaradas, nossos amigos. Quem trai o Partido, quem procura dividir-nos, quem serve o inimigo, quem convive com os inimigos do nosso Partido, não pode sentar-se connosco, não pode comer connosco na mesma tigela, não pode beber do mesmo copo ou da mesma caneca, não pode dormir na mesma cama.



Cabral ca muri

Luiz Cabral à Prensa Latina

A Guiné-Bissau deve representar uma retaguarda para os povos em luta

Numa entrevista à Prensa Latina, o camarada Presidente Luiz Cabral falou do significado político da sexta cimeira dos Chefes de Estado e de Governo dos Países membros do Movimento dos Não-Alinhados. Enquadrando-a num contexto internacional marcado essencialmente pela confrontação entre as forças conservadoras concluindo com o imperialismo e as forças do progresso, que querem construir um mundo novo de paz e de progresso para todos os Homens», O Chefe de Estado guineense disse que «a Conferência foi uma vitória, até pela realização em Cuba, e uma confrontação entre essas duas forças. Cuba representa algo de novo e de todas as esperanças para os povos oprimidos e os que lutam para o progresso».

Indagado sobre os resultados desta Cimeira, sob o ponto de vista africano e a sua projecção, o Presidente guineense, disse que os países independentes de África, desde as primeiras independências, sempre consideram o Movimento dos Não-Alinhados, como uma força segura para a consolidação das respectivas independências e para a reafirmação da sua personalidade no plano internacional.

«Assim, prossegue o Presidente Luiz Cabral, vimos os primeiros líderes da África independente, como Kwame N'Krumah ligarem-se à equipe dos Chefes de Estado que fundaram o Movimento. E no caso concreto do nosso País, ainda estávamos na nossa gloriosa luta de libertação nacional, já o camarada Amílcar Cabral, participava, pessoalmente, na 1.ª Conferência realizada em Belgrado, o que demonstra de forma inequívoca, que a quase totalidade dos países africanos que hoje pertencem ao Movimento, consideram como um elemento de defesa das respectivas independências e sua consolidação, e um factor positivo para a unidade dos povos africanos, na luta pelo progresso».

RELAÇÕES GUINÉ-BISSAU CUBA

Ao responder a uma pergunta concernente às relações entre Cuba e a Guiné-Bissau, o camarada

Presidente Luiz Cabral, começaria por lembrar que elas começaram nos anos difíceis da nossa luta de Libertação Nacional, na medida em «que este território livre da América Latina, sempre foi um aliado seguro dos Povos que lutam pela sua liberdade e independência». «No caso concreto do nosso País disse-nos tivemos uma contribuição única na nossa luta, tanto na acção armada, como na defesa das nossas populações, através da participação dos médicos cubanos, que levaram a sua assistência ao povo e aos combatentes, durante os anos da guerra.

«Depois da independência, essas relações forjadas na luta consolidam-se através duma cooperação válida entre os dois países».

Luiz Cabral diria que o nosso País, recebe uma grande ajuda de Cuba, particularmente no campo da saúde, «com a participação de várias dezenas dos seus quadros, que nos ajudam a suprir a falta de quadros». «Os técnicos cubanos sendo revolucionários e habituados ao clima tropical, adaptam-se facilmente e

criam um bom ambiente de camaradagem, de trabalho e de dedicação, com os seus colegas e camaradas do nosso País».

A RECONSTRUÇÃO NACIONAL

«Nós fizemos uma longa luta de Libertação Na-

cional, Depois da conquista total da nossa independência, foi necessário realizar a Paz, na medida em que os portugueses tinham muitos elementos africanos nas suas fileiras, pelo que foi preciso desmobilizá-los e dar-lhes toda a confiança necessária, para que se reintegrassem na vida civil e participassem como filhos do nosso povo, na Construção do País».

Foi com estas alavras que o camarada Presidente Luiz Cabral se referiu à nova luta, que hoje trava o nosso povo. Prosseguiu afirmando, que «durante estes últimos cinco anos de inteira liberdade, conseguimos a paz e a concórdia nacional, o que permitiu dar alguns passos, ainda que pequenos, no caminho da Construção do País.

Embora a Guiné-Bissau seja um país eminentemente agrícola, o camarada Presidente Luiz Cabral adiantou que o nosso território dispõe de outras riquezas, já confirmadas no campo mineiro. «Mas é na agricultura, que depositamos as nossas maiores esperanças, apesar da seca que tem atingido o País, o que nos têm criado algumas difi-

culdades» no nosso desejo de conseguirmos o mais rapidamente possível o auto-abastecimento alimentar e produzir o necessário para o desenvolvimento da indústria. Para nós, a indústria deve ser o complemento da agricultura».

Referindo os projectos que temos vindo a concretizar, «algumas vezes de forma lenta», o camarada Presidente Luiz Cabral, justificaria afirmando que o nosso País é inteiramente dirigido pelos Combatentes da Libertação da Pátria «que depois de onze anos de guerra, teve na paz que enfrentar problemas novos, muito mais complexos».

«Volvidos estes anos — assegura Luiz Cabral — os nossos quadros já têm uma melhor perspectivação do País, que será de acordo com o Programa do nosso Partido, orientado no sentido de se criar uma sociedade isenta de exploração e de opressão».

O Chefe de Estado guineense, diria ainda que na nossa terra vamos desenvolver os recursos naturais, «para servir essencialmente o povo, para o seu progresso e bem estar, Com isso mobilizamos o nosso povo, na luta difícil e complexa da Reconstrução, de forma a que o nosso País, possa consolidar a sua independência, desenvolvendo-se, para ser uma força segura, primeiro para os Movimentos de Libertação, em luta para a sua inde-

pendência. Pensamos que isso é uma das nossas tarefas sagradas na medida em que nós conseguimos lutar e vencer, porque tivemos a solidariedade dos outros povos e dos outros países. A GUINÉ-BISSAU DEVE REPRESENTAR UMA RECTA-

GUARDA SEGURA PARA TODOS AQUELES POVOS QUE AINDA LUTAM PARA A SUA LIBERDADE E INDEPENDÊNCIA».

ÁFRICA AUSTRAL FALOU TAMBÉM A PRENSA LATINA

O camarada Presidente Luiz Cabral, falou também à Prensa Latina sobre a situação política em África:

A nossa política e os nossos objectivos — disse Luiz Cabral — centram-se na procura da unidade regional, sub-regional e africana, como também na unidade dos Não-Alinhados, na concertação dos mesmos, para a obtenção de uma linha que possa servir o desenvolvimento real dos nossos povos, para acabar com as grandes diferenças que existem entre os países desenvolvidos e os países em vias de desenvolvimento e sub-desenvolvidos».

Ao abordar a problemática da luta no sul do nosso continente, o camarada Presidente Luiz Cabral, acentuar, que a unidade africana não poderá ser nunca uma realidade, enquanto a África não estiver completamente livre da dominação estrangeira, livre do colonialismo, do racismo e do apartheid.

«Podemos dizer que os países da Linha da Frente, representam a frente mais avançada da África, para a liquidação dos últimos bastiões do colonialismo e do racismo, portanto para tornar real, a união dos povos do nosso continente».

Luiz Cabral diria ainda que muitos países da Linha da Frente, têm sofrido bastante, pagando um preço inestimável para com a justa luta de libertação dos povos da África Austral, «pelo que devem merecer todo o nosso apoio, total admiração e todo o encorajamento, não só dos povos africanos, mas sim de todos os povos progressistas do mundo». Ligando este assunto e a recente reunião da Commonwealth, realizada em Lusaka o camarada Presidente Luiz Cabral, diria que o actual governo conservador da Inglaterra, fez muitas promessas em relação ao Zimbabué, fez muitas promessas aos racistas e aos seus agentes

(Continua na página 6)



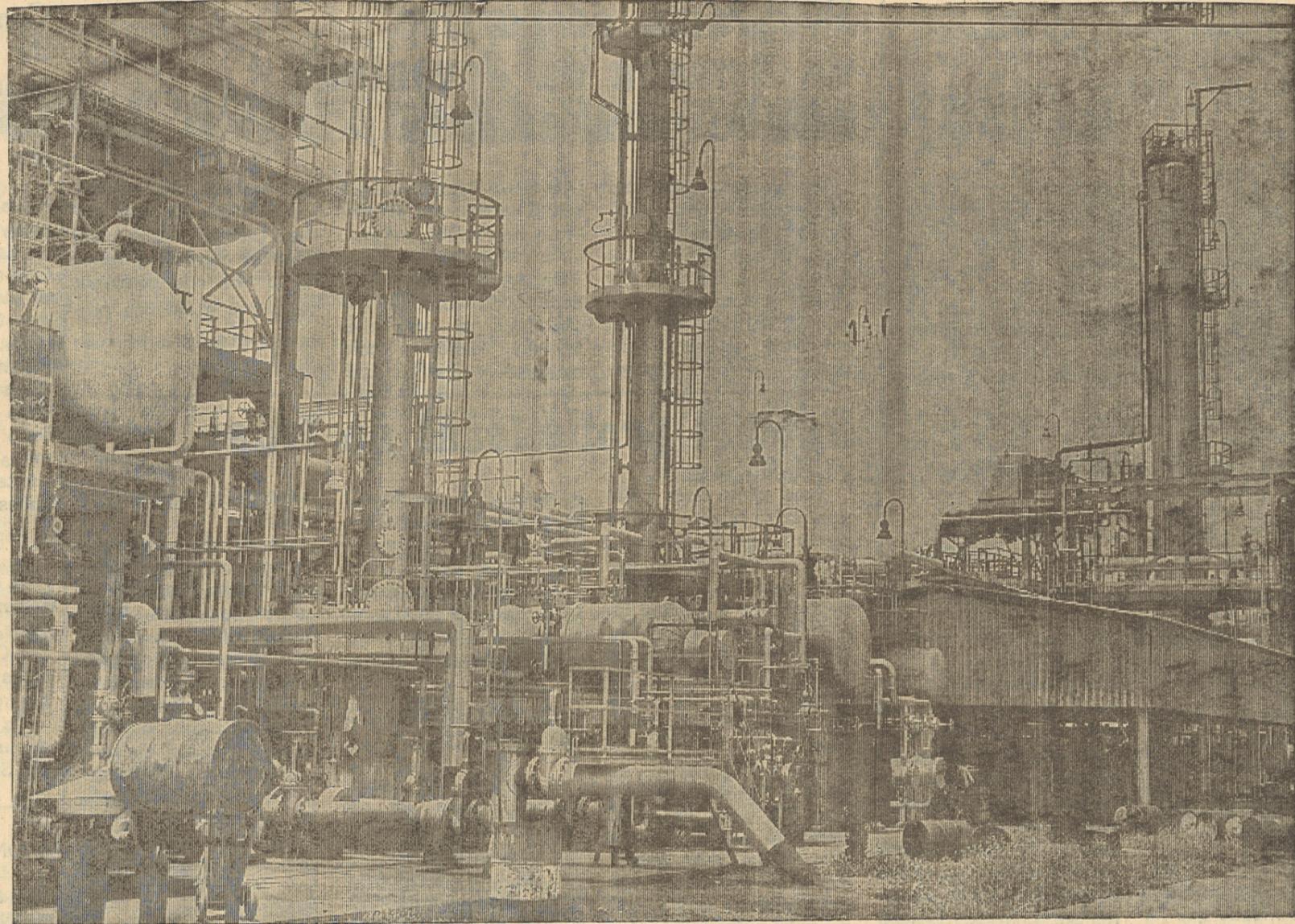
Optimism

«Angola tem conhecida, problemas tremendamente internos, de crescimento interno, de crescimento pelo regime colonial português «O Jornal de Londres, o jornalista Manuel Cabral, actividades dos bandos de ladrões que produziram, e não desenvolvimento económico que se trata agora, de uma guerrilha «numa ferida a curar, mas que, com o pagamento da situação política e na África Austral em perspectiva rápida».

O artigo trata depois com algum pormenor, da situação económica da República Popular de Angola fornecendo elementos informativos de muito interesse. Principalmente Manuel Cabral fala da receptividade encontrada pela RPA na Grã-Bretanha e do aprofundamento da cooperação económica entre os dois países.

Eis o essencial da quele texto inserido no último numero de «C Jornal» e que leve o título «Economia de Angola» passa num primeiro teste em Londres».

«Outro problema com que Angola tem lutado liga-se à falta de notícias consistentes e análises objectivas na Imprensa internacional. Assim, em muitos sectores internacionais, me e mo portugueses, continua-se



no no desenvolvimento da economia angolana

Desde a independência e reajustamento, de salvação dos erros deixados atrás, «escreveu no semi-ano em correspondência de Cabral. Referindo-se às dificuldades e ao efeito de retardar determinados momentos, diz aquele jornalista isolados de guerra de Angola ainda não parou de sendo tempo e o desenvolvimento internacional, em geral particular, poderá ter uma ci-

ver Angola como um país paralisado, com a economia em ruínas, onde a miséria está generalizada. No entanto, embora os problemas básicos mais importantes sejam graves e ainda estejam em parte por resolver, esta imagem está muito longe da verdade. Para o comprovar, as autoridades angolanas publicarão dentro de cerca de três meses o primeiro relatório do Banco de Angola.»

«Este primeiro relatório do Banco de Angola, segundo podemos apurar, junto de fontes próximas ao próprio Banco, dá uma imagem optimista do desenvolvimento da economia de Angola durante os últimos quatro anos, ali se afirmando também serem boas as perspectivas futuras.»

BALANÇA DE PAGAMENTOS POSITIVAS E AGRICULTURA EM EXPANSÃO

Embora os recursos do país ainda não estejam a ser utilizados a cem por cento, em 1978, a balança de pagamentos registou um saldo positivo, as exportações, que se cifraram em cerca de um bilião de dólares, concentraram-se essencialmente nas áreas do petróleo, café e diamantes. De notar que Angola já é autosuficiente em petróleo, ainda lhe sobrando produto para exportar.»

«As importações, num valor inferior às exportações, distribuíram-se igualmente por equipamentos, capitais, matérias-primas e bens de consumo, 55 por cento dos quais se referem a produtos alimentares. Entretanto, os problemas que existiam nos circuitos de distribuição de alimentos foram agora superados com o auxílio da cadeia Pão de Açúcar e de duas outras companhias.»

«A agricultura angolana está, no momento em plena fase de reformação de objectivos e reestruturação da produção, através duma nova

distribuição das terras. Segundo o relatório, mais de 80 por cento da população está envolvida na agricultura, trabalhando em propriedades estatais, cooperativas e pequenas propriedades, estimando-se que, dentro de alguns anos, seja possível utilizar mais de 70 por cento do território na agricultura, enquanto no tempo colonial só três por cento eram destinados ao sector. De acordo com o relatório do Banco de Angola, o país será auto-suficiente na agricultura, dentro dum período que não deverá ultrapassar os cinco anos.»

«Um ponto de muito interesse neste relatório é o das reservas de moeda estrangeiras. Não conseguimos apurar o número exacto, mas sabemos que, de facto a liquidez de Angola é muito maior do que se poderia esperar de um país independente há tão pouco tempo.»

«Foi com estes números, em mão que veio a Londres uma delegação angolana, chefiada pelo Governador do Banco de Angola, dr. Vítor Carvalho, para, segundo afirmou, «estudar as possibilidades do desenvolvimento do comércio

angolano — britânico, bem como para melhor informar a comunidade financeira britânica — privada estatal — das reais condições que se vivem hoje em Angola.»

«O interesse dos ingleses foi muito maior do que se esperava. Em Londres, os angolanos obtiveram linhas de crédito, comerciais e governamentais, em condições muito vantajosas e puderam concluir acordos de extrema importância, caso, por exemplo, do acordo com a British Leyland para a montagem de Land Rovers em Angola.»

«Para além da falta de informação objectiva sobre a situação angolana, uma outra questão que dava origem a grandes desconfianças por parte da comunidade financeira britânica era a não existência de uma lei angolana sobre os investimentos estrangeiros. Este problema está agora praticamente resolvido, pois foi anunciado, pela delegação que visitou Londres, que uma lei deste género será aprovada dentro em breve pelo Governo de Luanda.»

«Segundo as nossas informações, esta lei prevê que, em quaisquer empreendimentos estran-

geiros, o Estado terá uma participação maioritária de pelo menos 51 por cento. Como nos disse um funcionário duma das organizações que negociou com os representantes angolanos, «o Governo angolano está a impedir os investimentos estrangeiros em certos sectores que se recusa a definir de antemão. Cada contrato é analisado individualmente, o mesmo acontecendo em relação a cada proposta de investimento.»

«Ainda sobre esta questão, disse-nos John Pilbeam, da organização britânica Export Credit Guarantee Department «De facto, a nova lei angolana dos investimentos estrangeiros vem esbater muito os receios existentes. De qualquer modo, a impressão com que ficámos, depois de falarmos com o dr. Vítor Carvalho e os técnicos que o acompanhavam foi de que a panorâmica económica de Angola é atractiva. Não duvido que, nos próximos meses, aumente consideravelmente o volume de comércio entre a Grã-Bretanha e Angola.»

«E Portugal — quais as perspectivas de novos e intensificados contac-

tos comerciais com Angola? Segundo o governador do Banco de Angola, dr. Vítor Carvalho, «estamos ainda a viver com o «espírito de Bissau.» A prová-lo já temos feito alguns acordos bilaterais de grande interesse para ambos os lados e temos muitos contactos com empresas privadas portuguesas.»

«Contudo, pudemos apurar, que o certo é que Angola não vê Portugal como «uma janela para a Europa». Certamente que Portugal poderá ser útil a Angola no sentido de fornecer quadros técnicos, treino académico, etc. Todavia, Luanda recusa-se a aceitar a assistência de Portugal no estabelecimento de circuitos comerciais com outros países. E recusa-se, não só com vista à defesa da sua independência, mas também porque não precisa, já que se sente absolutamente capaz de estabelecê-los sózinha, muito especialmente agora que pode utilizar uma economia mais forte em progressão, como um triunfo em quaisquer negociações com qualquer país ou organização económica, como a Comunidade Económica Europeia.»

Programa desportivo da Semana da Juventude adiado para amanhã

«A Semana Nacional da Juventude» cuja cerimónia de abertura se efectuou na passada quarta-feira, dia 12, foi adiada para o período que vai de 19 a 24 do mês em curso, devido à morte do camarada Agostinho Neto, Presidente do MPLA-Partido do Trabalho e da República Popular de Angola.

Futebol profissional no Irão

Sete meses após a Revolução, o futebol do Irão reapareceu oficialmente. Uma equipa formada por futebolistas de Teerão, deslocou-se à União Soviética, e aí permaneceu quinze dias, a convite da Federação de Futebol da URSS, tendo realizado três encontros em Moscovo.

Que trouxe porém, de novo, a Revolução ao futebol iraniano? Em princípio, e principalmente, uma fuga generalizada dos seus mais importantes jogadores que acabaram por abandonar o país. Caso de Rowsha, o melhor dianteiro iraniano, hoje, nos Emiratos Árabes de Esquadrilham, que está jogando no Cosmos, de Danaie Fard, o grande marcador do último «Mundial» e nos Estados Unidos também, e de Mazlounis, o melhor marcador no último «nacional», que está no Koweit.

Outros conheceram, porém, sorte mais madrastra. Nos primeiros dias da Revolução, os membros da sinistra polícia política, «Savak», foram procurados por todo o lado, Pavine, o «capitão» da equipa nacional, Hedjazi, o guar-

inho Neto, Presidente do MPLA-Partido do Trabalho e da República Popular de Angola.

Ontem, pelas 18 e 30, na sede da JAAC, a Comissão Nacional para esta Semana, reuniu-se com os responsáveis das equi-

pas inscritas nos vários torneios que se vão realizar durante estes sete dias de convívio juvenil, tendo ultimado pormenores sobre o extenso programa desportivo há muito elaborado.

res presentes no último mundial.

Os novos dirigentes entregaram cada federação a três responsáveis por si nomeados. A Federação iraniana de Futebol é agora dirigida por dois antigos futebolistas e por um árbitro.

Mohadjerani, o técnico nacional, foi demitido e substituído por Habibi, ex-técnico do PAS, o clube vencedor dos dois últimos campeonatos nacionais. Mohadjerani recebeu já vários convites, falando-se mesmo que poderá substituir o brasileiro Zagalo, no comando da selecção do Koweit, mas ao certo, nada de concreto ainda soou, uma vez que, a sua saída do país, parece problemática. Quanto aos restantes antigos internacionais, privados como estão, dos seus «interessantes» salários, tentam também sair do Irão. Hedjazi, um excelente «keeper», recebeu propostas nesse sentido do Bayern de Munique, para substituir o célebre Mayer, e do Paris St. Germain.

Este é, o panorama do futebol do Irão, sete meses após a Revolução.

Campeões de Africa Goreé e Hafia vencem jogos da 1.ª mão

No domingo, em Conakry, o Hafia derrotou, no Estádio 28 de Setembro, a equipa do «Hearts of Oaks» do Ghana, por 2-0. Os golos foram obtidos na segunda parte, por intermédio do defesa Mussa Camará e o avançado Amará Touré. O desafio contava para a primeira mão da Taça de África dos Clubes Campeões.

Para a mesma prova, a «Union Sportive de Goreé», campeão do Senegal, venceu os campeões da Nigéria «Racka Rivers», por 2-0. Os tentos foram apontados por Manu Correia na segunda parte do jogo.

Os desafios da segunda mão realizam-se no dia 30 de Setembro.

ANÚNCIO

O Liceu Nacional Kwame N'Kruma, vem avisar a todos os alunos que no ano lectivo findo — 1978/79 —, frequentaram o mesmo Liceu, sendo transitados para o ano imediato ou que tenham reprovado nesse ano, mas pela primeira vez, de que o prazo para as matrículas automáticas, decorrerá de 13 a 22 do corrente mês de Setembro.

Chama-se a atenção de todos os alunos, Diurno e Nocturno, para o cumprimento rigoroso deste prazo. Para mais informações, os interessados deverão dirigir-se à Secretaria do Liceu.

Farmácias

Hoje — Farmácia Central — Rua Vitorino Costa, telefone — 2453

Amanhã — Farmedi n.º 2 — Bairro Belém, telefone — 34j3

Nô Pintcha

Trisemanário do Comissariado de Informação e Cultura — Sai às terças, quintas e sábados.

Serviço Informativo das Agências: AFP, PAS, TASS ANOP, Prensa Latina, ANP e Nova China.

Redacção, Administração e Oficinas — Avenida do Brasil — Telef.: Redacção 3713/3728 — Administração e Publicidade, 3726.

Assinatura — (Via Aérea) Guiné-Bissau e Cabo Verde:

Um ano 700,00 P.G.

Seis meses 450,00 P.G.

Assinatura (Via Aérea) África, Europa e América:

Seis meses 550,00 P.G.

Um ano 800,00 P.G.

Caixa Postal 154 — BISSAU - GUINÉ-BISSAU

Aristides Pereira

(Continuação da 1.ª página)

desejo de avançar! Estava o futuro tecno a nossa frente. Todas essas exigências significam que as portas se abriram aos nossos jovens».

O Ministro da Educação e Cultura, que também tinha frisado que há casos compreensíveis — de que citou exemplos, acentuando, contudo, que tais casos devem ser postos aos responsáveis e com eles discutidos, na certeza de que a solução justa será sempre encontrada quando não se trate de pura mania desse estudante — abordaria também o problema da restrição às inscrições no curso complementar dos liceus. Explicou que as bases da maioria dos nossos estudantes são demasiado frágeis para as suas pretensões aos voos altos em cursos superiores, donde a necessidade de se garantir um mínimo de qualidade ao curso complementar «temos limitações, sobretudo em quadros docentes que permitam aliar a qualidade ao número: há que reestruturar as coisas de modo a que a escolha dos cursos se faça no limiar do complementar, para que a preparação seja a mais sólida possível».

A restrição às inscrições no complementar põe um problema: a criação de alternativas de formação profissional qualificada aos jovens que, por uma razão ou outra, a ele não tiveram acesso, para que se não volte à situação de «portas fechadas» descrita pelo Presidente Aristides Pereira.

Vários passos nesse sentido foram já dados, lembraria o comandante Carlos Reis, com a cria-

ção das escolas de Magistério Primário, formação e aperfeiçoamento Administrativo, da Escola Naval, dos cursos de Desenho e Tipografia, dos cursos de Enfermagem e, por último, com a instituição do Curso de Preparação de Professores Secundários (de nível universitário). Contudo, enquanto a procura de boisas e estagios no estrangeiro é enorme, revelaria Carlos Reis, a frequência de muitos desses cursos está muito abaixo das possibilidades oferecidas, o que torna a sua manutenção dispendiosa e contrária à política adoptada pelo Governo de formar dentro do país, o maior número de quadros possíveis.

«A mania do estrangeiro é uma característica do colonizado» — diria o camarada Aristides Pereira, comentando essa realidade e encarnando-a do ponto da vista de quem se preocupa em conhecer «a maneira de reagir e entender as coisas da nossa gente» — em «conhecer a couve da sua horta», como se dizia em linguagem vulgar.

«Trata o colonizado — continuaria — só o que vem do estrangeiro e que vale. As mercadorias, as ideias, os cursos e até os governos estrangeiros e que valem. O homem de mentalidade colonizada tem dificuldade em entender que produtos, ideias e homens nacionais possam ter qualquer valor. Muitas vezes, para aceitar que um governo nacional é um governo sério, é só depois deste ser obrigado a recorrer ao atributo de qualquer governo do mundo: a repressão».

Luiz Cabral à Prensa Latina

(Cont. das centrais)

africanos quando na oposição mas depois de estar no poder, viu que o contexto era outro e teve que recuar, para ter em conta o problema dos primeiros responsáveis, que são o Povo do Zimbabwé, a sua Frente Patriótica e os povos africanos representados pelos Países da Linha da Frente».

CUBA E OS NÃO-ALINHADOS

«Considero que Cuba, desde a Sierra Maestra até a tomada do poder, passando pelo bloqueio e por todos os actos imperialistas contra a sua própria segurança e sobrevivência, tem representado

o símbolo da resistência dos nossos povos, o símbolo do desejo dos nossos povos a viverem verdadeiramente livres e independentes», frisaria Luiz Cabral, ao se referir a realização da VI Cimeira do Movimento dos Não-Alinhados realizada em Havana.

«Ao falar-se da realização desta cimeira em terra cubana, isso significava uma vitória, para todos os povos que lutaram e lutam pela sua liberdade e independência ao mesmo tempo que foi um encorajamento para os outros povos independentes, mas ainda vacilantes, na certeza de sermos capazes de lutar e de vencer os nossos inimigos».

O camarada Presiden-

te tornou claro que esta nova vitória de Cuba, poderá encorajar outros países para a conquista de todos os seus direitos, como povos independentes e soberanos.

«A América Latina vive hoje uma época nova da sua história, com o renascimento do nacionalismo progressista, um nacionalismo integrado na luta geral dos povos, contra a dominação imperialista ou estrangeira», afirmou o camarada Presidente Luiz Cabral referindo-se a muitas intervenções de responsáveis latino-americanos. «que trouxeram um alento novo, ao Movimento dos Não-Alinhados».

A terminar as suas de-

clarações à Prensa Latina, o Chefe de Estado guineense, renderia uma vibrante e sincera homenagem «ao povo revolucionário e irmão de Cuba», para afirmar que considerava a realização da VI Cimeira dos Não-Alinhados, como um novo alento para os povos que já se libertaram do domínio imperialista na América Latina e «como um factor poderoso que poderá encorajar os outros povos do mesmo continente a criarem sociedades novas e libertas do imperialismo e do domínio imperialista, ou seja um mundo de cooperação e de amizade sincera, ao serviço dos povos deste Continente».

Espanha apoia a causa palestina



O encontro Arafat-Suarez foi uma vitória política e diplomática para a OLP

Ao obter de Adolfo Suarez, Primeiro-Ministro espanhol, o apoio de Espanha à causa palestina, Yasser Arafat, que visitará brevemente a França — segundo um jornal Koweitiano, — marcou um novo e importante ponto nos seus esforços para aumentar o reconhecimento diplomático da sua organização, enquanto o Estado sionista de Israel encontra-se cada vez mais isolado no plano mundial.

Depois da sua visita de dois dias a Espanha — a primeira a um país Ocidental — durante a qual teve longa conversações com Adolfo Suarez no palácio de Moncloa e avistou-se com vários dirigentes políticos e sindicais espanhóis, o líder da Resistência Palestina prestou homenagem ao apoio que a Espanha tem dado à causa palestina e congratulou-se pelo facto de aquele país não ter relações diplomáticas com Israel.

Durante as conversações que tiveram Arafat e Suarez evocaram nomeadamente a necessidade de um diálogo euro-árabe sob o angulo da complementaridade da técnica europeia e os recursos energéticos dos países árabes.

O problema palestino, que é a chave do conflito do Médio-Oriente, é um dos pontos da agenda de encontro dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países membros da CEE (Comunidade Económica Europeia), que decorre em Dublin. Em causa está a necessidade de uma maior aproximação dos «nove» aos países árabes, o que poderia passar pelo apoio à causa

palestina, nomeadamente, o reconhecimento da OLP.

Na semana passada, o ministro sionista dos Negócios Estrangeiros, Moshe Dayan, atacou a Alemanha Federal por apoiar a autodeterminação para os palestinos, considerando que se trata de «uma viragem para pior» na política de Bonn relativa ao Médio-Oriente.

Por seu lado, o chefe do governo austríaco, Bruno Kreisky, com que Arafat encontrou-se em Julho último em Viena, exortou a Europa Ocidental e os Estados Unidos a reconhecerem a OLP.

Em Nova-Yorque, o secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, afirmou na quarta-feira passada, no decurso da conferência de imprensa que concede todos os anos antes da abertura da Assembleia Geral da Organização, que o tratado de paz israelo-egípcio «originou a controvérsia e a divisão» e a «única possibilidade» para resolver o problema do Médio-Oriente é a realização de uma conferência internacional, com o apoio das super-potências.

Conferência sobre o Zimbabué Divergência entre Smith e Muzorewa

LONDRES — Um desacordo surgiu no seio da delegação do governo fantoche da Rodésia na conferência constitucional de Lancaster House, a respeito das medidas de salvaguarda dos interesses da minoria branca do país.

O desentendimento revelou-se nas declarações dos dois principais membros desta delegação, o actual chefe Primeiro-Ministro, bispo Abel Muzorewa, e o antigo chefe do regime rebelde, Ian Smith.

Reagindo vivamente no domingo a uma men-

sagem de Muzorewa, na qual este colaboracionista afirma que muito brevemente os brancos do país descobririam que o que consideram como sendo salvaguarda não é «animal assim tão importante». Ian Smith afirmou, referindo-se ao mecanismo de bloqueio no parlamento no que respeita às mudanças constitucionais, que as salvaguardas são «absolutamente vitais».

Evocando a declaração de Muzorewa, Smith acrescentou: «Não acredito que ele tenha dito tal coisa. Concordamos

todos sobre a necessidade absoluta de medidas de salvaguarda para os brancos do país».

Estas medidas de salvaguarda de que fala o líder da maioria branca na Rodésia, permite aos brancos preservarem o seu poder sobre a maioria da população do Zimbabué, disfarçando tudo isso com um governo chefiado por um negro, com autoridade bastante limitada, pois o exército, a segurança e os serviços públicos continuam nas mãos dos racistas.

Marrocos abandonou a cidade de Lebuirate

A cidade de Lebuirate, no sul do Marrocos, esta vazia e não tem nenhum soldado marroquino — afirmaram no sábado em Argel oito jornalistas da imprensa internacional que estiveram durante 48 horas, quarta e quinta-feira, em território sul-marroquino, guiados por combatentes do Exército de Libertação Popular Saharaui.

Ontem, a Frente Polisário anunciou que várias centenas de soldados marroquinos foram mortos, outros capturados, durante uma emboscada montada na madrugada de domingo, a alguns quilómetros a oeste de

Zaak, cidade-guarnição situada perto de Queue Draa.

Por outro lado, um comunicado do ministério saharauí da Defesa indicou que o comandante Azelmat, ex-responsável da guarnição de Lebuirate foi condenado à morte sem julgamento e fuzilado nos últimos dias no sul de Tan-Tan, pelo exército marroquino.

Referindo-se a informações provenientes do Marrocos, o comunicado acrescentou que o comandante Azelmat «foi acusado pelo regime de Rabat de ter sido o responsável pela derrota das suas forças de ocupação».

a 24 de Agosto último», onde tiveram centenas de mortos.

Por outro lado, a Mauritânia prossegue a sua tentativa de conseguir apoio internacional para a sua política de neutralidade no conflito do Sahara Ocidental. É essa a razão principal da visita oficial de dois dias que o Primeiro-Ministro mauritaniano, tenente-coronel Oud Haidalla, efectua a partir de hoje a França.

A saída de Nouakchott da guerra, permitir-lhe-á consagrar-se aos graves problemas económicos do país.

Crianças sequestradas no Uruguai com fins políticos

— segundo um jurista católico

SÃO PAULO — Um jurista francês, Eric-Jean Thomas, acusou em São Paulo o governo uruguaio de ter raptado e deportado clandestinamente crianças com fins políticos.

Mandatado pela Federação Internacional de

Defesa dos Direitos do Homem e pelo Movimento Internacional de Juristas Católicos, o dr. Thomas acaba de efectuar uma missão de duas semanas ao Uruguai à Argentina e ao Chile para inquirir sobre o desapare-

cimento de crianças uruguaias nestes países.

O dr. Thomas, que é também conselheiro jurídico do Secretariado Internacional dos Juristas para a Amnistia no Uruguai divulgou uma lista de uma centena de uruguaios desaparecidos na Argentina e no Paraguai ou então encarcerados no Uruguai.

«O Uruguai pôs em prática um novo tipo de repressão: o sequestro de crianças para arrancar confissões aos seus pais» disse o dr. Thomas em conferência de imprensa, denunciando «a evidente colaboração» dos regimes de Buenos Aires e de Montevideo.

Eleições na Suécia Esquerda em vantagem

ESTOCOLMO — Cifras oficiais provisórias publicadas anteontem à noite deram os partidos da esquerda sueca como vencedores das eleições legislativas, com menos de 0,1 por cento de vantagem sobre a direita.

Esta diferença extremamente reduzida de 2.080 votos em dez milhões de eleitores foi no entanto suficiente para assegurar aos partidos

social-democrata e comunista 175 lugares no «Riksdag» (parlamento sueco), um a mais que os conservadores, centristas e liberais reunidos.

Entretanto, só depois da contagem dos votos por correspondência, na quarta-feira se poderá saber se o Partido Social-Democrata de Olof Palme voltará ao poder, depois de uma ausência de três anos. (FP)

N'DJAMENA — «A desmilitarização da cidade de N'Djamena será efectuada antes da chegada da força neutra» inter-africana, composta por militares da República Popular do Congo, Guiné e Benin, anunciou no sábado, um comunicado do governo de união nacional de transição. A força neutra vem substituir as tropas francesas, cuja presença era um dos obstáculos para o entendimento entre as diversas facções tchadianas.

EMPRÉSTIMO A MOÇAMBIQUE

ABIDJAN — O Fundo Africano de Desenvolvimento (FAD) concedeu um empréstimo de dois bilhões e 48 milhões de francos CFA a Moçambique que com vista ao financiamento do projecto de estrada de Alto Molungue-Rio Ligonha, de 10 quilómetros de comprimento. O empréstimo servirá para financiar 70 por cento do custo total do projecto, que corresponde às despesas em divisas. (FP)

VALORIZAÇÃO DA MOEDA DO BOTSWANA

GABERÖES — O Botswana revalorizou em cinco por cento a sua moeda, o pula. Esta medida destina-se principalmente a diminuir o custo de importações de milho da África do Sul, produto que constitui a base da alimentação do país. O Botswana, importante exportador de diamantes brutos, dispõe actualmente de importantes reservas financeiras. (FP)

AJUDA AO KAMPUCHEA

BANGKOK — Resposta da Cruz Vermelha Internacional distribuída na semana passada uma ajuda médica e alimentícia a hospitais da capital kampucheano. Segundo o rádio de Phnom Penh captada na Tailândia, uma delegação da Cruz Vermelha entregou a hospitais 1,8 toneladas de leite em pó, 360 quilos de açúcar e de medicamentos. (FP)

NOVA BARRAGEM

OUAGADUGU — O general Lamizana, chefe do Estado voltaico, inaugurou, no sábado, uma barragem em Wedbila, na região de Kombissiri, 40 quilómetros ao sul de Ouagadugu, acompanhado de uma importante delegação governamental. (FP)

Elogio fúnebre do Dr. António Agostinho Neto

Apresentamos extractos do elogio fúnebre apresentado pelo camarada Lúcio Lara, membro do Bureau Político e Secretário da Organização do Comité Central do MPLA — Partido do Trabalho — durante as cerimónias fúnebres do líder angolano, o camarada Presidente Agostinho Neto:

Na alocução, Lúcio Lara salientou o historial da vida do Presidente Neto na luta de libertação nacional contra o colonialismo e o imperialismo, dizendo, que, «acreditamos que era invulnerável. Habitámo-nos. Comandante em Chefe, sob o teu comando, a não acreditarmos em derrotas e a forjar vitórias para o nosso povo. A certeza da vitória eras tu. Tu sabias sorrir diante do perigo, sabias criar com os olhos secos, não conhecias nem o medo nem a dúvida diante dos objectivos que desde cedo foram traçados».

«Das prisões portu-

guesas em Angola e Cabo Verde, soubeste retirar a experiência necessária para a transformar em escolas de luta para o nosso povo. Das bofetadas da Pide, soubeste aprender, que o ódio não é dos homens mas dos mortos; que o racismo sofrido na carne, pode transformar-se em anti-racismo revolucionário, e amor pela humanidade».

«Da ciência médica que adquiriste e praticaste com desvelo, soubeste fazer a arma da luta contra a exploração do homem, da luta pela dignidade. Quantos jovens passados no teu consultório do bairro operário, tornaram-se dedicados patriotas, destacados dirigentes da luta do nosso povo angolano oprimido».

«Perdoa-nos comandante esta desorientação momentânea, estas lágrimas teimposas que queríamos saber conter e a grande dôr. Mas, nós va-

mos vencer a dôr, como vencemos os sul-africanos, e vamos continuar a transformar esta querida pátria no país que tu projectaste no futuro», disse Lara ao reafirmar as actuais tarefas que se põem ao país, na organização do Partido e do Estado, no progresso econó-

mico e social da Nação. Lúcio Lara apontou o reforço do Partido e da unidade nacional, o fortalecimento das forças da defesa e segurança e da defesa popular — «para que as nossas fronteiras se tornem invioláveis» — a dignificação da mulher angolana, educação e cui-

dados do futuro dos pioneiros.

«Vamos sim, respeitar e continuar a aplicar os princípios sagrados da nossa opção socialista — precisou, Lara — que são já um legado da tua direcção, um trabalho disvelado da nova sociedade que aqui forjamos».

Subsecretário americano visitou Bissau

O sub-secretário de Estado americano para os Assuntos Africanos, senhor Richard Moose, afirmou ser política do seu governo manter relações com os países africanos, na base do respeito pela opção dos seus governos.

O representante do governo americano falava aos jornalistas, numa conferência de Imprensa, antes de deixar o país, sábado, com destino a Serra Leoa e Dakar.

Durante a estadia de dois dias, Richard Moose foi recebido em audiência pelo camarada Presidente Luiz Cabral e pelo Comissário Principal, João Bernardo Vieira. Teve ainda um encontro de trabalho com o Comissário do Interior, camarada Constantino Teixeira.

Nesses encontros, foram abordadas questões relacionadas com a cooperação entre a Guiné-Bissau e os Estados Unidos da América, sobretudo no aspecto económico. No interior, visitou Bolama, onde constatou as realizações em curso na antiga capital, algumas delas financiadas pelo governo americano através da AID. Recorde-se igualmente que, os Estados Unidos participam no projecto de produção do arroz, em Contubuel. Existe também um programa de pescas, para além do fornecimento de arroz para cobrir as necessidades das populações.

«Estamos bastante satisfeitos com o resultado das conversações com o Presidente Luiz Cabral e com outros membros do Governo e esperamos que após esta visita, iremos iniciar uma época de relações bastante frutuosas», afirmou Richard Moose. O mesmo diria em relação a Cabo Verde, onde foi recebido pelo Chefe de Estado, camarada Aristides Pereira, pelo Primeiro-Ministro, camarada Pedro Pires e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, camarada Abílio Duarte. Por outro lado, pôde apreciar realizações na capital, como em Mindelo, S. Vicente. A situação dos emigrantes cabo-verdianos nos Estados Unidos teria sido um dos temas dominantes das conversações.

Ainda sobre a política americana em relação ao nosso Continente, Moose informou que o ex-embaixador americano junto da ONU, Andrew Young, a quem se deve a expansão da política americana em África, estava a efectuar uma viagem a vários países. Ao referir-se à Cimeira dos Não-Alinhados, disse que os delegados discutiram muitos pontos. «Como sabem, afirmou, eles têm os seus pontos de vista e nós respeitamos-os, assim como o direito de escolher o seu próprio caminho. São eles a decidir sobre essas questões. «Por isso, nós mantemos relações com muitos governos e procura-

mos respeitar as opções desses governos».

Sobre o problema do Sahara e fornecimento de armamento americano aos marroquinos, Richard Moose respondeu que a questão está ainda em estudo e que não estava habilitado a pronunciar-se sobre a mesma. «Nós, disse, respeitamos sempre o direito do povo do Sahara de lutar pela conquista da independência».

Ao pronunciar-se sobre a questão das relações entre as comunidades negra e branca nos EUA, Moose salientou que se tem exagerado a questão. «Há diferenças, evidentemente, mas são diferenças de somenos importância. Cada grupo tem os seus interesses particulares e, como sabem, no nosso sistema de governo toda a gente tem a oportunidade de dar a sua opinião. Há propostas do governo que visam chegar a resultados que vão de encontro aos nossos interesses. Mas creio que o embaixador Andrew Young irá trabalhar no sentido de reforçar os laços que sempre existiram entre a comunidade negra e comunidade branca nos Estados Unidos».

A luta dos negros americanos pela conquista dos seus direitos, foi também abordada pelo diplomata americano que o classificou de «um processo que irá continuar. Nós, concluiu, temos feito, durante os últimos dez anos, um progresso considerável».

Breves

Eleições em Portugal

As eleições intercalares para a Assembleia da República, em Portugal, foram marcadas para o próximo dia 2 de Dezembro. O Presidente da República, general Ramalho Eanes, falou na quarta-feira na televisão e no rádio anunciando ter assinado o decreto da dissolução da Assembleia e da consequente marcação de eleições gerais.

As eleições municipais realizar-se-ão algumas semanas depois, não tendo ainda data marcada. Devem concorrer às eleições gerais intercalares, além dos partidos políticos representados na anterior Assembleia (PS, PSD, CDS, PCP e UDP) novas formações partidárias designadamente a U. E. D. S (União da Esquerda para a Democracia Socialista), chefiada pelo engenheiro Lopes Cardoso, a ASDI (Associação Social-Democrata independente), de que faz parte, nomeadamente, o actual ministro das Finanças, Sousa Franco, e o Movimento Democrático Português que, em 1975, conseguira eleger cinco deputados à Assembleia Constituinte e depois, praticamente, desaparecera da cena política.

OMS

(Cont. da 1.ª pág.)

forma de intensificar a nossa cooperação».

Sobre a ajuda que a OMS tem vindo a atribuir ao nosso país, João da Costa salientou que até aqui ela tem sido útil e que não se limita apenas à formação de quadros médios e superiores, alargando-se também na reparação das nossas infraestruturas. Aquela organização tem contribuído com uma certa quantia em dinheiro, para reparação das nossas instalações sanitárias, ao nível de periferia e enviando quadros que colaboram a nível do Comissariado. Para o efeito, encontra-se no país, uma representação sua, que segue de perto o desenvolvimento das actividades.

Complexo frigorífico para Bissau

A construção de um novo complexo frigorífico de Bissau, com a capacidade de duas mil toneladas deverá ter início em Janeiro de 1980, segundo nos informou o Director Geral da empresa mista de pescas hispano-soviética, que chefiava uma delegação que visitou o nosso país durante alguns dias, a convite do Secretário de Estado das Pescas, Joseph Turpin.

Durante a sua estadia na nossa capital, a delegação teve conversações com as autoridades guineenses

ligados ao sector das pescas, onde estudaram a questão do terreno para a construção do complexo, o aumento de preço do pescado de exportação e a possibilidade de financiamento para a construção de um porto de pesca em Bissau.

A delegação deverá regressar brevemente a Bissau, para apresentar ao Governo do nosso país o estudo do projecto do complexo frigorífico e virão também técnicos daquela empresa mista para iniciarem as obras.

Presidente Neto repousa no Palácio do Povo em Luanda

(Cont. da 1.ª pág.)

lar rumo à construção de uma sociedade socialista, e no plano externo, seguir uma política progressista norteadas pelos nobres princípios do internacionalismo proletário em relação à luta dos povos oprimidos, particularmente na África Austral.

Por seu turno e, em nome de todo o povo angolano, Lúcio Lara, membro do bureau político do Comité Central do MPLA — Partido do Trabalho e

companheiro do Presidente Neto desde as primeiras horas de luta, leu o elogio fúnebre ao ilustre desaparecido.

Profundamente comovido, o dirigente angolano falou da figura do dr. Agostinho Neto, da sua estatura como chefe e estadista, acrescentando a disposição de todo o povo Angolano em prosseguir o caminho por ele traçado, rumo ao socialismo.

Na presença dos 10 chefes de Estado que vieram prestar a última ho-

menagem ao Presidente Neto, e de todas as delegações enviadas de diversos pontos do globo, Lúcio Lara destacou o prestígio internacional granjeado por Agostinho Neto, graças à sua firmeza de carácter, demonstrada pela forma como conduziu a luta do povo angolano até à independência e depois a reconstrução nacional do país, nunca sem deixar de atentar nos problemas mais importantes que afectavam a África e o mundo.

Do elogio fúnebre des-

taca-se ainda o compromisso assumido na voz de Lúcio Lara por todo o povo angolano «de respeitar e continuar a aplicar os princípios sagrados da opção socialista», instituir o poder popular, fortalecer as forças de defesa e reformar o Partido, preocupações constantes do Presidente Agostinho Neto.

Entretanto, os chefes de Estado presentes em Angola renderam a sua sentida homenagem ao Presidente Neto, ao inclinarem-se perante a urna

que contém o seu corpo. Os líderes apresentaram na ocasião as suas condolências à família enlutada e, ao assinarem o livro de condolências, expressaram, na sua generalidade, o profundo pesar que os povos e os partidos sentiram pela perda irreparável do Presidente Neto, exprimindo os votos de que o caminho traçado pelo guia da revolução angolana, a obra por ele iniciada, sejam seguidos por todos os angolanos com determinação e firmeza.